



## **Chanacomchana também é bacana! Imprensa lésbica e suas pedagogias culturais**

*Chanacomchana is also cool! lesbian press and its cultural pedagogies*

Larissa Pinto Martins<sup>i</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande

Marcio Caetano<sup>ii</sup>  
Universidade Federal de Pelotas

Keith Daiani da Silva Braga<sup>iii</sup>  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Paulo Melgaço da Silva Junior<sup>iv</sup>  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo analisar as pedagogias culturais presentes em charges, tirinhas e imagens da imprensa lésbica brasileira da década de 1980, mais especificamente nos boletins ChanaComChana. Através da análise qualitativa do conteúdo e da leitura de imagens constitutivas desse artefato cultural, buscamos elucidar como o ChanaComChana serviu enquanto um espaço para construção de novos saberes e ressignificações acerca das performatividades lésbicas.

**Palavras-chave:** Lésbicas, ChanaComChana, Imagens.

### **Abstract**

This work aims to analyze the cultural pedagogies present in cartoons, comic strips and images present in the Brazilian Lesbian Press of the 1980s, more specifically in the ChanaComChana newsletters. Through the qualitative content analysis and the reading of images that constitute this cultural artifact, we seek to elucidate how ChanaComChana served as a space to build new knowledge and resignification about lesbian performativity.

**Keywords:** Lesbians, ChanaComChana, Images.

Enviado em: 13/03/20 - Aprovado em: 06/05/20

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem por objetivo interrogar os discursos pedagógicos apresentados pela imprensa alternativa lésbica nos anos iniciais da década de 1980 no

Brasil. Para essa análise, utilizaremos os boletins ChanaComChana, entendendo-os como um artefato cultural onde podemos encontrar pedagogias e intencionalidades curriculares acerca dos modos como se deveriam constituir as performatividades lésbicas. Isso implica considerar a pedagogia e suas intencionalidades não apenas como domínios de habilidades, técnicas e/ou organização de conteúdo, mas como modos de produção de cultura diretamente envolvidos na forma como o poder e as redes de significado são utilizados na construção e na organização do conhecimento sobre as possibilidades de se existir em determinado momento histórico e sob determinadas circunstâncias político-culturais (CAETANO, 2016).

Nas últimas quatro décadas, a preocupação com as representações lésbicas tornou-se central nos debates acadêmicos lésbico-feministas e ativistas no Brasil. Nesse sentido, por compreender o desafio de refletir os modos como as pedagogias culturais produziram a performatividade lésbica, procura-se, nesta escrita coletiva, problematizar as emissões de discursos empreendidos pelos recursos visuais. Ao determinarmos os limites de nossa intencionalidade, buscamos problematizar o dito a partir da compreensão de que os discursos visuais presentes nos boletins ChanaComChana, ao mesmo tempo que enunciavam conteúdos e produziam verdades sobre as performatividades e sociabilidades lésbicas, também as “fabricavam” e orientavam suas existências (FISCHER, 2001). Assim, ancorados nos Estudos Culturais e na concepção de que as imagens presentes nos artefatos culturais podem ser objetos de pesquisa à medida que expressam e dialogam com os modos de vida típicos da sociedade que a produz (MONTEIRO, 2008), pensamos que esses discursos incidem diretamente sobre seus receptores, disputando as subjetividades, regrado, formando e demonstrando como devem ser e estar na sociedade. Ao realizar tal questionamento, pretende-se problematizar as emissões sobre a(s) lesbianidade(s) enquanto estratégias de governamento de condutas e de políticas de reconhecimento.

Como argumentam Costa et al (2003), televisão, imagens, gráficos, músicas, assim como livros didáticos, não são apenas manifestações culturais, são também artefatos produtivos de práticas e representações que “inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado e as hierarquias são estabelecidas” (COSTA et al, 2003, p. 38). Nesse sentido, destacamos aqui algumas imagens de tirinhas, charges e *cartoons* presentes no boletim ChanaComChana que nos ajudam a refletir sobre temas como homossexualidade (feminina e masculina), feminismo, repressão policial, discriminação, relações de poderes, entre outros.

A concepção de cultura baseada na perspectiva dos Estudos Culturais, como afirmam Rocha et al. (2010), constitui-se como um terreno de lutas pelos significados. Sendo assim, eles “configuram-se uma inter-relação entre comunicação e cultura fundamentada numa concepção segundo a qual os processos culturais são processos de produção de sentidos inseridos em contextos sociais determinados” (ROCHA, et al., 2010, p. 3). Desse modo, buscaremos, neste trabalho, por meio de uma análise qualitativa do conteúdo presente no boletim ChanaComChana, em especial as suas imagens, interrogar as produções de sentidos e saberes que estavam presentes nesse artefato cultural. Assim, reiteramos que este texto analítico se voltou à ótica de emissão e buscou interrogar os modos como as lesbianidades se configuraram nas imagens de tirinhas, charges e *cartoons* presentes no boletim ChanaComChana. Assim sendo, interessa-nos questionar os regimes de verdade em suas relações que produziram sentidos e significados sobre a experiência lésbica.

Na contemporaneidade, ocorrem disputas das mais diversas agências sobre os modos de produção de subjetividades. Os meios de comunicação participam desse processo, visto que estão presentes no cotidiano da maioria da população de forma acessível e até indispensável. A partir do século XX, os discursos da cultura contemporânea são realizados de muitas formas: há desde as propagandas, os programas de televisão, as telenovelas, os telejornais, as revistas, os jornais até os *sites*, *chats*, *podcasts*, *blogs* e inúmeras redes sociais, todos comprometidos na construção de identidades e identificações.

Esses discursos veiculados nas diferentes mídias, os quais orientam para um arrebatamento e consumo, estão repletos de sentidos e significados. Essa pedagogia se fundamenta em diferentes vertentes econômicas, sociais, culturais e ideológicas, sendo apresentados pelos mais diversos agentes constituidores de verdades, buscando persuadir sobre temas como: perspectivas de vida, de expressão e de modos de existência social. Assim, essa engrenagem de produção e de disputa de subjetividades, através da relação entre os indivíduos e as mídias, é foco de inúmeras investigações, como os trabalhos de Castro (1999) e Corazza (1998). Cada vez mais, estudiosas/os do campo dos Estudos Culturais de perspectivas críticas e pós-críticas têm interesse por pesquisar os artefatos culturais midiáticos, sobretudo, aquelas/es das áreas educacionais. Percebe-se que os estudos se ampliaram e, portanto, buscaram entender essa relação entre os sujeitos e as mídias e a produção das identidades na contemporaneidade, tendo como objeto principal a identificação dos modos de apresentação dos sujeitos e das relações sociais pelas mídias (MARZOLA, 2004; ROCHA, 2004; AMARAL, 2004).

Os artefatos culturais se relacionam por meio de uma forma específica e particular para com os sujeitos: as narrativas apresentadas são tecidas, entrelaçadas, cruzadas com os seus cotidianos. Para que isso ocorra, há um investimento na criação de sentidos através da composição de personagens, roteiros, imagens e sons comprometidos com a identificação. É crucial que ocorra a identificação entre o sujeito e a cultura visual veiculada para que se produzam novas posições e convites intencionais a partir da identificação estabelecida (ELLSWORTH, 2001). Trabalhar nessa perspectiva mais ampla é entender que as imagens cumprem uma função de mediação com as antigas e novas formas de poder, como também de ensaios contradiscursivos de novas formas de sociabilidade (MORAZA, 2004). Sendo assim, os sujeitos não são passivos e, tampouco, estabelecem relações dependentes. Se concordamos com Moraza (2004), eles se tornam intérpretes ativos na construção de significados e usos.

Ao entendermos a imagem enquanto representação, ela apresenta as posições/discursos históricos de/sobre determinados grupos sociais. A representação, nessa lógica, também é entendida como prática de significação. As imagens dialogam e expressam modos de vida característicos da sociedade que as reproduzem e, assim, apresentam a diversidade de grupos e suas ideologias hegemônicas (MEDEIROS; CASTRO, 2017). Na atualidade, encontramos-nos submersos pela linguagem visual, presente nos celulares, redes de sociabilidades virtuais, programas televisivos, outdoors, revistas, além de outras infinidades de suportes e veiculações. As imagens nos provocam, instigam, fazem-nos pensar e nos propõem uma leitura do/sobre o mundo. Ler a imagem é lhe atribuir sentidos, buscar significados, construir problemáticas, questionar olhares que buscavam objetivar verdades. De acordo com Baliscei e Teruya (2015), para entender os significados atribuídos a determinada imagem, é necessário entender os códigos dessa linguagem. Será necessário interrogá-la com base em fundamentos teóricos flexíveis e, ainda assim, atribuir valores aos significados subjetivos e pessoais construídos por seus e suas intérpretes. Para Barbosa (1998), "leitura da obra de arte é questionamento, é busca, é descoberta, é o despertar da capacidade crítica" (BARBOSA, 1998, p. 40).

Ao apresentar nossas posições teóricas, dividimos o texto em três seções, partindo desta parte em que buscamos apresentar panoramicamente nossa posição frente aos debates sobre pedagogias culturais midiáticas e no seu interior a cultura visual. Na segunda seção, problematizaremos as posições político-ideológicas assumidas pelas lésbicas frente aos movimentos feministas e homossexuais no início da década de 1980, objetivando enunciar as performatividades apresentadas no ChanaComChana sobre lesbianidade. Na última seção, faremos um recorte no nosso material empírico de

análise, voltando-nos a interpelar as imagens e as mensagens apresentadas nas charges. Finalizando o artigo, retomaremos as discussões das duas seções anteriores, dando relevo às linguagens da cultura visual que proliferam modos outros de performatizar as lesbianidades.

## **ENTRE FEMINISTAS E HOMOSSEXUAIS: LÉSBICAS FEMINISTAS!**

Para melhor entendimento de como surgiu nosso objeto de pesquisa, faremos uma breve contextualização histórica acerca do início do movimento social<sup>1</sup> homossexual brasileiro<sup>2</sup>. Influenciados por outros países como os Estados Unidos, França, México e Argentina, onde já havia uma certa mobilização militante por direitos homossexuais (assim como por outras identidades sexuais e de gênero), e, concomitante à imprensa alternativa homossexual massificada pelo jornal *Lampião da Esquina*, surge, em 1979, na cidade de São Paulo, o primeiro grupo organizado de militância homossexual no Brasil, o Grupo SOMOS. Vale destacar que o início do movimento LGBTI brasileiro coincide com o período de abertura política da qual o Brasil estava saindo de um regime ditatorial ainda muito marcado socialmente pela censura, pela moral e “bons costumes”.

Formado inicialmente por gays, o Grupo SOMOS de Afirmação Homossexual não demorou muito a receber integrantes lésbicas, tornando-se um grupo misto com diferentes deliberações e pautando, como o próprio nome já traz, a afirmação de suas identidades sexuais ainda marcadamente mediadas pela marginalidade. Podemos perceber, na reportagem feita com o grupo SOMOS pelo jornal *Lampião da Esquina*, as formas de organização logo no início da criação do grupo:

Consistia na divisão do grupo em seis ou mais subgrupos que se reuniam separadamente, com objetivos e atividades diversos, de acordo com o desejo das pessoas. [...] Em princípio, haveria seis subgrupos: de “identificação”, de “estudos”, de “atuação externa”, de “serviços”, de “atividades artísticas” e “expressão não-verbal” – e desses, apenas os três primeiros passaram a funcionar regularmente. O grupo de identificação preferiu continuar o método de trabalho que desenvolvíamos inicialmente: o crescimento da consciência individual e o reforço de identidades, a partir dos dados e discussão das vivências pessoais: isso funciona

---

<sup>1</sup> Estamos entendendo a categoria “movimento social” como sendo ações coletivas de coletivos de sujeitos organizados que objetivam alcançar alterações sociais, culturais e/ou econômicas por meio do embate político, conforme seus valores e ideologias dentro de uma determinada sociedade e de contextos específicos, permeados por tensões sociais. Para aprofundar o debate, sugerimos a leitura de Gohn (2008).

<sup>2</sup> Vale destacar que a categoria “homossexual” com o crescimento e a emergência dos debates identitários não é mais capaz de nomear o movimento social. Neste momento, a sigla LGBTI (lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual e intersexo) substituiu a categoria inicial. Maiores informações Green, Quinalha, Fernandes & Caetano (2018).

como um nível inicial de conscientização e também como meio de contatar mais profundamente as pessoas entre si e as pessoas com o grupo. O setor de estudos aborda situações mais teóricas e discute a sexualidade a partir de material exterior às pessoas, seja em pesquisas de campo seja na análise de textos, filmes, peças teatrais etc. O pessoal de atuação externa teria a função básica de atuar mais publicamente, relacionando o grupo com situações, pessoas ou entidades fora dele, seja apresentando posições seja trocando experiências: esse seria o setor mais "ativista", mais infra-estrutural (LAMPÍAO DA ESQUINA, 1979, ed. 12, p. 2).

Partindo dessa reportagem, podemos verificar que, inicialmente, a questão de gênero não era uma das prioridades do grupo. No entanto, por ser um grupo formado majoritariamente por homens, as mulheres, muito influenciadas pela agenda feminista, construíram o entendimento de que a agenda homossexual que as unia não era a única questão relevante que as atravessava, pois, enquanto mulheres, sofriam diariamente com o machismo e sexismo, inclusive dentro do grupo SOMOS (FERNANDES, 2018).

Miriam Martinho, ativista pioneira na militância lésbica e uma das primeiras a participarem do SOMOS, expõe suas memórias enquanto militante para abordar o surgimento da primeira aparição de lésbicas dentro do jornal Lampião da Esquina. Segundo Martinho (2019):

Em abril de 1979, editores do Lampião da Esquina convidaram as lésbicas do Somos, já em número significativo, a produzir uma matéria para o tabloide a ser publicada na edição de maio daquele ano. Aceitando o convite, extensivo a lésbicas de outros grupos, elas se reuniram no apartamento de uma das integrantes do Somos, Teca, e, com a ajuda de uma jornalista, produziram o texto intitulado "Nós também estamos aí". A matéria foi capa do Lampião da Esquina, número 12, com a chamada Amor entre Mulheres, e definida como a primeira vez que lésbicas se reuniram para falar e escrever sobre sua sexualidade (MARTINHO, 2019, p. 3).

Com a criação dessa reportagem para o jornal Lampião da Esquina, as lésbicas que participavam do grupo SOMOS compreenderam, a partir do cenário discursivo que orientava as prioridades da organização, que precisavam de um espaço para debater questões específicas das lésbicas. Como no grande grupo não tinham essa oportunidade, decidiram que criariam mais um subgrupo de organização dentro do SOMOS, intitulando-o de subgrupo Lésbica Feminista (LF). Simultaneamente a isso, mesmo com a forte relutância da facção heterossexual, intensificaram a aproximação dessas lésbicas com outros grupos feministas (FERNANDES, 2018; LESSA, 2007).

O subgrupo Lésbica Feminista teve um curto tempo de duração dentro do SOMOS. Dois anos após a sua criação, em 1980, as lésbicas compreenderam que precisavam de autonomia, o que, enquanto subgrupo, não era possível. Sendo assim, algumas das lésbicas que atuavam no SOMOS romperam e criaram a Facção Lésbica Feminista, primeiro grupo de militância exclusivamente lésbica no Brasil, que atuaria por cerca de um ano e produziria a primeira publicação lésbica brasileira com o jornal ChanaComChana<sup>3</sup>.

### **CHANACOMCHANA TAMBÉM É BACANA!**

Durante grande parte do período ditatorial brasileiro, a imprensa e outras mídias ligadas à esquerda, ou que não apoiassem o governo, passaram a ser impedidas e/ou profundamente censuradas de circular. A censura imposta pelos militares obteve mais força com o decreto do Ato Institucional nº 5 (AI-5). Assim, tanto a imprensa quanto outros veículos de comunicação formais foram obrigados a passar por censores a fim de garantir que nada fosse publicado sem a autorização do governo. Como resposta, a esquerda, que já vivia na clandestinidade, definiu táticas criando jornais e boletins que analisavam a política e difundiam informações que não poderiam ser encontradas nas grandes mídias. Por meio do humor, a imprensa alternativa cumpriu um papel fundamental de oposição e resistência à ditadura no Brasil (CORREA, 2001; WOITOWICZ, 2014).

A imprensa, conforme aponta Capelato (1988), auxiliou-nos a pensar como sucederam os processos políticos e sociais dos períodos históricos, “nos vários tipos de periódicos e até mesmo em cada um deles encontramos projetos políticos e visões de mundo representativos de vários setores da sociedade” (CAPELATO, 1988, p. 34). Tratando-se de um período de recente abertura política, a imprensa alternativa nos serve como um valioso instrumento para refletir acerca do que não era possível ser visto nas mídias de massa graças à censura do regime. Dessa forma, ao nos utilizarmos da imprensa lésbica, através do ChanaComChana, como objeto de estudo, destacamos a posição política de suas publicações.

Dentre a imprensa alternativa produzida na segunda metade do século XX no Brasil, podemos elencar algumas vertentes que, para além da luta contra o regime

---

<sup>3</sup> Em 1981, o Facção Lésbica Feminista rompe com o Grupo Somos. Algumas de suas integrantes continuaram suas militâncias em grupos feministas, outras em grupos homossexuais, no entanto, aquelas que optaram por continuar com uma militância exclusivamente lésbica, criaram o Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF) e ficaram responsáveis por dar continuidade nas publicações do ChanaComChana.

ditatorial, possuíam outras militâncias, como a imprensa feminista. A exemplo de boletins como o *S.O.S. Mulher, Mulherio* e *Nós Mulheres* (CARDOSO, 2004), a imprensa feminista buscava trazer debates acerca do trabalho feminino, da participação política, da liberdade sexual, da igualdade de direitos, entre outros em suas páginas (WOITOWICZ, 2014). Outra vertente importante para nossa pesquisa é a imprensa homossexual, a exemplo do jornal *Lampião da Esquina* que abordava questões ligadas principalmente a gays, mas também divulgava reportagens sobre lésbicas e travestis. A discussão a respeito da lésbica não era o ponto central de nenhuma dessas publicações anteriores ao ChanaComChana, todavia, através de pequenas publicações feitas por elas nessas mídias, é que algumas lésbicas reconheceram a necessidade de se organizarem politicamente para reivindicar suas especificidades.

Dentre todas as vertentes da imprensa alternativa, optamos por analisar a imprensa lésbica, conceituada por Aguiar (2017), em contraponto da imprensa feminista ou homossexual. Por entender que, apesar da imprensa lésbica conversar com ambas, há um diferencial marcado pela afirmação da lesbianidade que é negligenciada em outras mídias. Tanto a imprensa feminista quanto a homossexual pouco abordavam as questões ligadas às lésbicas. Portanto, a despeito de haver trabalhos que coloquem o ChanaComChana enquanto parte da imprensa feminista (CARDOSO, 2004), entendemos que há certa diferença e, por isso, denominamos como “Imprensa Lésbica” neste texto.

O boletim ChanaComChana, entre a imprensa lésbica, foi o periódico que mais teve publicações durante a década de 1980, circulando entre 1981 e 1987. Demarca, no decorrer de suas publicações, que é um boletim feito por e destinado para as mulheres lésbicas, pautando questões ligadas ao movimento feminista e ao movimento homossexual. Mas, para entender melhor a criação e os objetivos por trás do ChanaComChana, precisamos compreender quem o produzia e para quais objetivos.

Os boletins ChanaComChana analisados foram adquiridos através de uma rede de ativistas e pesquisadoras<sup>4</sup> que digitalizaram e compartilharam conosco todos os exemplares publicados. Como não há muitas imagens no corpo do boletim, não havia muita variedade de charges e tirinhas para analisarmos. Assim sendo, utilizamos, como critério de escolha, aquelas que abordavam um tema a respeito do qual, ao longo da edição, havia um debate maior, a exemplo de uma reportagem ou entrevistas, a fim de

---

<sup>4</sup> Dentre esta rede, destaco a contribuição de Miriam Martinho, uma das fundadoras e redatoras do ChanaComChana, do mesmo modo que pesquisadoras como Carolina Maia Aguiar (2017) e Paula Évelyn Silveira Barbosa (2019) cujas dissertações também utilizam os Boletins Chanacomchana como fontes de pesquisa.



compreender como eram interpretadas essas imagens pelo Grupo de Ação Lésbica Feminista – GALF - para ir ao ChanaComChana.

Pensado a partir da Facção Lésbico-Feminista (LF), primeiro grupo organizado conhecido de mulheres lésbicas no Brasil, o ChanaComChana tinha o intuito de servir como um jornal a partir do qual as lésbicas puderiam se sentir acolhidas, visibilizadas, auxiliando suas leitoras a desmistificar sua lesbianidade e, nesse movimento, produzir apresentações acerca da identidade. Contudo, em abril de 1980, em São Paulo, ocorreu o I Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO), com aproximadamente 200 participantes de diferentes cidades e estados brasileiros. Mesmo com uma presença maciça de gays, o LF apresentou discussões sobre as lésbicas, o feminismo e o machismo que atravessavam o cotidiano homossexual. Entretanto, o I EBHO foi profundamente burocrático em suas resoluções e debates, as discórdias acabaram tensionando as relações no interior do movimento homossexual que, já nesse contexto, apresentava-se diverso e amplo. Após a participação de lideranças e participantes do Somos na passeata do 1º de maio de 1980, realizada em São Bernardo do Campo, iniciou-se uma divisão irreconciliável e o LF reconheceu que não fazia mais sentido permanecer naqueles marcos dentro do grupo. Assim, em 17 de maio, algumas lésbicas se retiraram do grupo e fundaram o Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF) (FERNANDES, 2018).

O GALF deu continuidade ao ChanaComChana não mais enquanto jornal, como fora feita sua distribuição piloto produzida pelo grupo Lésbico-Feminista, mas sim em formato de boletim, o que, segundo Miriam Martinho<sup>5</sup>, facilitava a circulação e a reprodução do material, pois reduzia seu custo. Essa mudança pouco alterou a ideia inicial que possuíam para o jornal, a de ser um veículo de informação sobre vivências lésbicas e feminismos, visando quebrar com o preconceito que isola as mulheres lésbicas, proporcionando uma rede de contatos e apoio tanto no Brasil quanto no exterior (CARDOSO, 2004). Em entrevista concedida a Cardoso (2004), Miriam Martinho explica como era feita a produção dos boletins:

O ChanaComChana tinha uma cara de *fanzine*, uma coisa anarquista, dentro da proposta punk da década de 80 e dentro da proposta do feminismo radical. As edições variavam entre 11 e 36 páginas de conteúdo, dependia muito de verba dos temas a serem abordados ou do tempo de publicação entre as edições. Uma equipe muito enxuta, cerca de quatro pessoas, se responsabilizava pela publicação. Tinha uma reunião de pauta, improvisada. Nos sentávamos, discutíamos, pedíamos sugestão e voluntários; à medida que os textos iam chegando, a gente ia fechando o jornal.

---

<sup>5</sup> Informação concedida a Patrícia Lessa (2007, p. 109) em entrevista com Miriam Martinho.

A impressão era em copiadora, o original era feito na base a montagem e colagem com recortes datilografados (CARDOSO, 2004, p. 99).

Contando com aproximadamente 200 exemplares por edição, os boletins eram publicados com uma periodicidade entre trimestral e quadrimestral, mantendo-se por meio de vendas informais, assinaturas, doações e pequenos anúncios (o que não acontecia em todas as edições). Estima-se que sua circulação fosse maior do que a tiragem oficial. Isso porque havia leitoras que ficavam responsáveis por fazer cópias do boletim para nova distribuição, assim como leitoras que, por não serem assumidamente lésbicas para a família, liam o boletim sem o comprar para não correr o risco de serem pegadas com um boletim de nome tão sugestivo quanto este e, assim, serem “descobertas” (AGUIAR, 2017; LESSA, 2008).

### Entre imagens e mensagens: descrevendo e interpretando as posições lésbicas

Nas capas apresentadas em seguida, podemos perceber imagens e mensagens sobre e para mulheres. Na primeira, podemos ver duas mulheres se beijando no que pode ser um quarto ou ao ar livre, visto que, na realidade, o local não parece entrar em questão. O foco central são as mulheres que estão nuas e deixam transparecer a ideia do sentimento que nutrem uma pela outra. O título complementa a ideia da imagem: “A história de um grupo de mulheres lésbicas”. O afeto não nos parece um elemento qualquer, quando se buscava demarcar a possibilidade de vivências outras externas às marginalidades que aprisionavam a experiência homossexual aos limites do ato sexual.



**Figura 01:** Capa dos boletins ChanaComChana ed. 3. (1983) e ed. 5. (1984) respectivamente.

Fonte: Boletim ChanaComChana, 1983-1984.

Na segunda capa, podemos perceber três imagens: a primeira formada por duas mulheres que se abraçam, sorridentes e felizes em uma conversa aberta, o que reitera a cotidianidade que se busca com a possibilidade afetiva entre mulheres. Ao que parece, as mulheres estão sentadas, com copos de bebida, em um momento de descontração, observando-se ao fundo o que parece ser uma parede. O título apresenta o tema que as mulheres certamente estão discutindo: "ser ou estar homossexual". Uma mulher introspectiva é tematizada na segunda foto com fundo preto, destacando apenas seu rosto. O título do boletim à esquerda remete à obra de Rainer Fassbinder "As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant"<sup>6</sup>, traduzida para o português e adaptada ao teatro por Millôr Fernandes. O texto narra a história de amor entre duas mulheres. Na última imagem, podemos ver um grupo de mulheres, em pé, em luta pela paz, segurando na mão o cartaz "mulheres pela paz" na luta pelo desarmamento nuclear.

Conforme apresentamos, as mulheres lésbicas e suas histórias ocupam o tema principal da revista. As imagens buscam ilustrar a proposta de cada discussão. Não há cores, as imagens foram produzidas em preto e branco - o recurso de cores ainda não era difundido nesse momento -, sendo a edição mimeografada, uma produção alternativa, forma encontrada pelos movimentos sociais para divulgarem suas lutas à medida que não dispunham de recursos ou prioridades nas agendas de financiamento<sup>7</sup>. Contudo, as linhas, formas, texturas e outros elementos buscam destacar o protagonismo das mulheres e suas relações com a sexualidade e as lutas de gênero.

Podemos interpretar que as imagens das capas representam a luta dos movimentos sociais que enfatiza, busca chamar a atenção e se comunicar com as mulheres lésbicas, dando visibilidade para o movimento homossexual. As imagens desestabilizam as representações socialmente atribuídas às mulheres. Aqui elas são homossexuais, estão na luta contra o desarmamento e discutem abertamente se a homossexualidade é questão de ser ou estar. Assim, os elementos visuais, apesar de simples, não são neutros e têm a função pedagógica de chamar a atenção e de valorizar comportamentos das mulheres. Aqui as mulheres são autônomas, assumidas e lutam por seu espaço na sociedade.

Dispondo de doze edições publicadas em formato boletim e uma em papel jornal, o ChanaComChana vem ao encontro da segunda geração da imprensa alternativa feminista (CARDOSO, 2004), por pautar a liberdade sexual e as questões voltadas à

---

<sup>6</sup> A história conta a relação da estilista autossuficiente, inteligente e arrogante Petra Von Kant, sua secretária explorada Marlene e a amante oportunista Karin. Há quase 40 anos, em 1982, as atrizes Renata Sorrah e Fernanda Montenegro encenaram a montagem, dirigida por Celso Antunes.

<sup>7</sup> Sobre a importância das políticas de financiamento no fortalecimento do movimento LGBTI, sugerimos a leitura de Caetano, Rodrigues & Silva (2019).

vivência lésbica desde sua primeira publicação. Esse nome bastante sugestivo tem sua explicação logo na primeira publicação, ainda enquanto *Jornal*, datada de janeiro de 1981, a respeito do qual as lésbicas do GALF pontuam:

CHANACOMCHANA foi um pilo do conformismo para a participação. Nosso jornal é nossa ponte. A palavra Chana não pode ser sumariamente definida como "órgão sexual feminino". É algo tão mais amplo, quanto os contrapontos de existir. Que a palavra CHANA soe para uns como "CHANCE", para alguns como "CHANCA" (pé grande - sapatão?), e para outros como "CHAMA". O importante é isentar-se das conotações. [...] Voltando ao nosso papel com tinta, sabemos que CHANACOMCHANA é um sopro, mas há horas em que um sopro pode representar tudo, inclusive a vida. E a vida é negra, é prostituta, é homossexual, e mulher, e amamos todas estas suas facetas politicamente minoritárias (CHANACOMCHANA, 1981, p. 4).

Nessa citação, podemos perceber que a criação de uma imprensa alternativa elaborada por lésbicas e para lésbicas tinha seu propósito político bem demarcado. Como aponta Lessa (2007), as lésbicas por trás do ChanaComChana criaram um discurso no qual se valorizava uma sexualidade tão menosprezada, em que a "Chana" vai além da representação da genitália feminina, ganhando novos sentidos, como o sentido político de 'chance', que pode ser entendido como a chance de serem lésbicas, de expressarem suas ideias, de sentirem e manifestarem desejos, anseios, dores, temores, amor ou de apenas estarem tendo a chance de existir e resistir. Ao escolher utilizar a palavra "chana" e, principalmente colocando-a em destaque, passam a reinterpretar seu significado, tomando para si uma palavra que estava mergulhada em um discurso pejorativo, de insulto às lésbicas.

Em "chama", podemos dar sentido de erotização aos relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres à medida que se remete ao fogo. Nessa lógica, a chama assume o status de elemento que aquece e incendeia a esperança de encontrar alguém e, com isso, o conforto e o entendimento entre pares previsto em uma relação. Dessa forma, o papel transgressor expresso nos sentidos da palavra 'Chana' implica uma provocação social criativamente elaborada cujas estratégias de ação expõem a vontade de se fazer ouvir em um contexto que as rejeita, exigindo, dessa forma, seu lugar de fala nesse espaço social (LESSA, 2007).

Compreendendo a ideia inicial das lésbicas feministas que produziram o ChanaComChana, passamos a percebê-lo enquanto espaço pedagógico que buscava construir outros marcos para a existência performática da lesbianidade. Se, outrora, a solidão era vista como o fim determinado à experiência lésbica, com o ChanaComChana, a possibilidade de se constituir romanticamente por meio e com uma mulher pautava sua

agenda pedagógica. Nesse sentido, “entende-se que a pedagogia realiza operações construtivas que modelam as subjetividades e fabricam sujeitos, sendo, dessa forma, educação e pedagogia, processos radicalmente históricos de transformação das pessoas” (WORTMANN; VORRABER; HESSEL, 2015, p. 37).

Dessa forma, utilizando-se de charges, tirinhas e cartoons presentes no decorrer de algumas publicações do ChanaComChana, podemos perceber que, através do humor e da ironia, o GALF buscava desmistificar assuntos considerados como *tabus*. Assim, através das subjetividades presentes nessas imagens, ressignificam-se os conhecimentos que circulavam no imaginário de sociabilidades sobre as lesbianidades. Como apontam Wartmann et al. (2015, p. 35), a ressignificação é “uma estratégia que se vale de um elaborado jogo que envolve o “olhar”: ela implica estranhar, desfamiliarizar ou tornar explícito o que estava naturalizado, deslocando e ampliando, nesse processo, significados e seus efeitos produtivos”.

Antes de adentrarmos nas análises das imagens, a fim de compreendermos a diferença entre charges, cartoons e tirinhas, baseamo-nos no trabalho de Júlia Oliveira (2017), no qual se aponta que as charges tratam de desenhos que abordam um determinado assunto de forma humorística, porém crítica, baseando-se em fatos reais e do cotidiano do leitor. Para isso, “muitas vezes o/a leitor/a deve estar imerso no tempo da narrativa ou recuperar os dados históricos do período retratado para compreender a crítica presente na charge” (OLIVEIRA, 2017, p. 69-70). Já o cartoon não precisa ter uma crítica a um determinado fato ou pessoa, mas vale-se de um questionamento em forma de sátira. Em contraponto a esses dois, como traz a autora, a tirinha tem como característica seu formato retangular com pequenos textos que seguem um roteiro com quadros sequenciais. Assim, utilizando-se desses gêneros enquanto recursos pedagógicos, podemos compreender como as lésbicas que produziam o ChanaComChana auxiliavam suas leitoras a construir suas identidades e posicionamentos políticos sobre e com o mundo.



**Figura 02:** Operação Sapatão.

Fonte: Boletim ChanaComChana, ed. 2, 1983.

Na história em quadrinhos, as cenas se desenvolvem em um bar ou em algum espaço que nos remetem ao encontro público. Podemos perceber quatro pessoas sentadas na mesa (três mulheres e um homem). O desenrolar das imagens nos sugere que temos um casal de lésbicas e um casal heterossexual. Uma batida policial mostra dois guardas pedindo documentos e um balão com letras destacadas revela o propósito dos quadrinhos e o objetivo da busca: levar a sapatão para o camburão. A história termina com apenas um casal, o heterossexual, sentado à mesa.

Mais uma vez, vemos desenhos simples e pedagógicos realizados em preto e branco com poucos detalhes. No entanto, podemos perceber que o casal heterossexual pode se abraçar em público e demonstrar carinho e afeto, o que não ocorre com os casais de lésbicas, a quem essa atitude, naquele momento, não era permitida. Chamamos a atenção para alguns elementos visuais que conferem sentido e significados à história: o rosto do policial (o mais trabalhado/com maior número de detalhes em toda história), a expressão séria, o destaque à masculinidade violenta e agressiva, enfatizada pela fala em maiúsculas no balão que reforça a perseguição às lésbicas que aqui, propositalmente, são chamadas de sapatão.

As imagens representam a perseguição que as mulheres, por serem reconhecidas como sapatão, sofriam durante a ditadura. Uma delas diz: "ser lésbica às

vezes é fogo... a repressão é qualquer coisa... tem sempre um Richetti por aí". Na continuação dessa charge, podemos perceber que o casal heterossexual não acredita nessa afirmação, afinal, "esse negócio de hetero e homo não existe" e, "além disso, a polícia dá em cima de todo mundo!", argumentou o homem. Nesse momento, chega a polícia pedindo o documento de todos do lugar, mas mandando "quem é sapatão pro camburão". Na última imagem percebemos que as duas lésbicas teriam sido levadas para o camburão, enquanto o casal heterossexual, nesse caso, reconhecido como a verdadeira possibilidade afetivo-sexual, continuava no bar sem acreditar na perseguição que as lésbicas estavam sofrendo.

A tirinha trata de uma denúncia sobre a repressão que lésbicas vinham sofrendo na cidade de São Paulo/SP sob o comando do delegado José Wilson Richetti no período da ditadura civil-militar brasileira. Apesar de ter sido publicada em 1983, a charge aborda a "Operação Sapatão", que foi iniciada em 15 de novembro de 1980, tendo como objetivo prender as lésbicas heterodesignadas que se encontrassem circulando na cidade. Os limites estabelecidos pela moral e bons costumes que orientavam as ações de regulação, vigilância e repressão do estado de ditadura que vivia o Brasil determinavam que a complementaridade heterossexual era a permitida no espaço público da cidade. No dia 15 de novembro de 1980, mesmo após os atos promovidos pelas lésbicas em junho do mesmo ano, a polícia invadiu espaços comerciais de sociabilidade homossexual, a exemplo de Ferros Bar, Cachaça e Bexiguinha, e quem fosse (ou aparentasse ser) sapatão, como eram heterodesignadas, ia para o camburão. A situação foi tão acirrada que, até aquelas que portavam documentos ou com carteira profissional assinada, condições elencadas como pré-requisitos para o respeito e reconhecimento à cidadania, foram presas. Aproximadamente, 200 mulheres foram detidas para averiguação na delegacia e somente foram liberadas após pagarem suborno aos agentes de segurança pública (QUINALHA, 2017; SALES, 2019).



Ato contra a repressão policial do delegado Richetti, realizado em 13 de junho de 1980. Primeira manifestação pública do movimento LGBT.



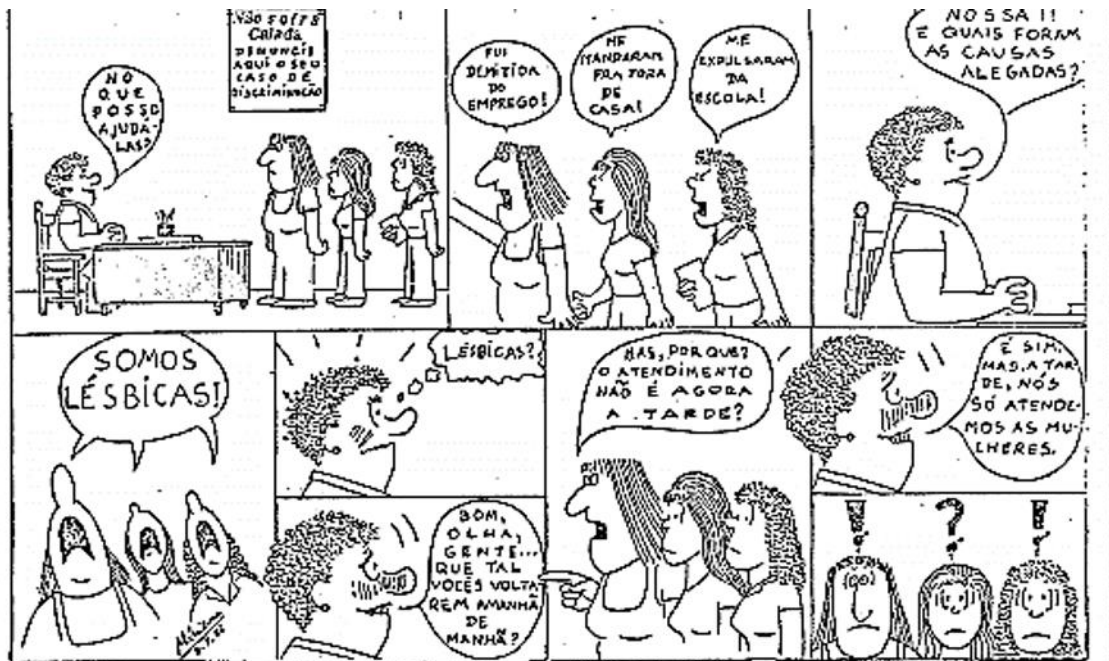
Ato contra a repressão policial do delegado Richetti, realizado em 13 de junho de 1980. Primeira manifestação pública do movimento LGBT.

### Figura 03: Ato

Fonte: Arquivo de Marisa Fernandes



O GALF atuava dentro dos guetos de frequência lésbica vendendo seus boletins, panfletando os seus folhetos sobre a discriminação e, sobretudo, acerca da afirmação identitária, atuando fortemente contra as prisões arbitrárias e extorsões comandadas pelo delegado Richetti. As fotos do ato de 13 de junho de 1980, na frente do Teatro Municipal, buscavam registrar a divulgação de carta aberta à sociedade paulistana repudiando a violência comandada pelo Delegado. Quando o ato saiu em caminhada pelo Centro de São Paulo, as lésbicas carregavam duas faixas com os seguintes dizeres: "Pelo Prazer Lésbico" e "Contra a Violência Policial". Esse evento político se configurou como a primeira passeata LGBT da cidade de São Paulo e, possivelmente, a primeira do Brasil. Mas a violência seguia. Em 15 de novembro, o mesmo aparato policial promoveu uma operação de prisão de lésbicas que, indiscriminadamente, foram levadas dos guetos sob a seguinte "acusação": "você é sapatão". Diversos outros episódios de repressão e de resistência foram lembrados no ChanaComChana.



**Figura 04:** Discriminação.

Fonte: Boletim ChanaComChana, ed. 1, 1981.

Nessa tirinha, a história é composta por nove quadrinhos. O primeiro quadrinho mostra a localização da história: um espaço de denúncias e de apoio mútuo. Há um cartaz na parede escrito "não sofra calada, denuncie aqui seu caso de discriminação". Uma mulher sentada em uma cadeira ouve as reclamações e três mulheres esperam na fila a hora da realização da denúncia. Elas vestem roupas simples, calça comprida e sapatos fechados, que contrastam com as flores postas na mesa da atendente. No segundo quadrinho, as três mulheres expõem suas denúncias. Vale observar as linhas e



as trações que enfatizam as expressões no rosto das três mulheres, contrastando com a expressão da atendente do terceiro quadro. Enquanto as mulheres no segundo quadro aparentam nervosismo, desespero e irritação, a atendente aparenta serenidade. A expressão da atendente só mudará no quinto e sexto quadro. No momento em que ela descobre a sexualidade das denunciadas, um imediato desconcerto e desconforto se tornam óbvios. No sexto quadro, há a expressão dissimulada no rosto da atendente, tentando postergar o atendimento e, sendo questionada, como aparece no oitavo quadrinho, ela tenta argumentar que à tarde somente eram atendidas as mulheres. As interrogações postas no último quadrinho nos permitem pensar uma série de questões, como esta: ao se assumir lésbica, a mulher deixa de ser mulher?

Interpretamos que o conjunto de imagens apresentadas destacam a força do pensamento heteronormativo nas instituições e como os organismos de denúncia não estavam preparados para enfrentar essas situações. Nessa tirinha, vemos três lésbicas que buscam denunciar algum tipo de discriminação: uma foi demitida do emprego, a segunda expulsa de casa e a terceira expulsa da escola, todas pelo mesmo motivo, de serem lésbicas. A atendente do local onde há um cartaz escrito “não sofra calada, denuncie aqui o seu caso de discriminação”, ao saber sobre a lesbianidade das três, pede que voltem no dia seguinte pela manhã, pois só atendiam mulheres durante a tarde. O fato de as narrativas das mulheres serem interrompidas no momento em que elas apresentam sua orientação sexual é muito significativa, porque mostra como a atendente não sabe lidar com a situação e/ou não reconhece a legitimidade da denúncia. Ainda hoje, algo semelhante ocorre no que diz respeito ao tema saúde da mulher. Com frequência, pacientes lésbicas são dispensadas de importantes exames, ligados ao cuidado com útero, ovários e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Muitas/os ginecologistas desconhecem as vivências e práticas sexuais não-heterossexuais ou não as consideram legítimas e passíveis de orientação (BARBOSA; FACCHINI 2006).

Junto dessa tirinha, há um texto intitulado “O lesbianismo é um barato” em que se argumenta que “O lesbianismo é um barato. Caro é o preço que a gente paga pra curtir esse barato” (CHANACOMCHANA, 1981, p. 2). Partindo dessa abordagem, o GALF, através do ChanaComChana, consegue abrir um espaço para reflexão sobre as discriminações vivenciadas por lésbicas, que, mesmo sendo mulheres, passam a não serem reconhecidas como tal em decorrência da impossibilidade de uma existência feminina e lésbica. No entanto, nesse mesmo texto que acompanha a tirinha, há uma valorização da lesbianidade por parte daquelas que produzem o boletim. Da mesma forma que se demonstram situações de discriminações que as lésbicas podem vir a passar, o ChanaComChana buscava aconselhar suas leitoras:

O lesbianismo é um barato porque propõe o amor pelas mulheres bem no meio das estruturas ultra misóginas do sistema patriarcal. É um barato porque demonstra que não estamos tão ilhadas em nossas diferenças de classe, raça ou sexualidades, a ponto de não podermos trabalhar juntas (CHANACOMCHANA, 1981, p. 2).

Bacci (2016, p. 54) argumenta que o corpo político das lésbicas é controverso, pois se torna político quando resiste à norma e à heterossexualidade compulsória, mas, ao mesmo tempo, é um corpo abjeto e invisibilizado na sua condição. Ele torna-se abjeto quando visto com os olhos da heterossexualidade ancorada no patriarcado, afinal, assume uma condição fora das redes de pertencimento do patriarca. Dessa forma, reforçando a ideia de que a lesbianidade também é um ato político, passamos a ressignificar esse corpo abjeto, enquanto um corpo descolonizado, como aponta Cheryl Clarke (1990), ao argumentar que, ao rechaçar uma vida de complementariedade e assimetria, que é implícita nas relações heterossexuais, a lésbica descoloniza seu corpo.

Podemos perceber, a partir das imagens apresentadas que, através das pedagogias culturais presentes no ChanaComChana, as identidades sexuais e de gênero vão sendo produzidas. Ao abordar as pedagogias culturais enquanto produtoras de identidades, Soares (2008) argumenta:

O entendimento de que tais práticas educativas são fundamentalmente políticas se dá através do reconhecimento de que esses espaços culturais e suas formas específicas de pedagogia são locais de produção de significados, forjados em relações de poder. São processos constituídos de práticas sociais, ao mesmo tempo em que produzem, organizam e regulam ideias e concepções sobre que ações são possíveis e legítimas (SOARES, 2008, p. 47).

Dessa forma, é necessário compreender que, apesar de abordar de forma indireta e humorística, as charges presentes no ChanaComChana retratam práticas sociais que refletem como as leitoras, por meio das subjetividades presentes nesse suporte, irão produzir suas identidades.



**Figura 05:** Ser ou estar homossexual, eis a questão?  
Fonte: ChanaComChana, ed. 5, 1984.

Na figura 5, podemos ver uma mulher refletindo sobre ser ou estar homossexual, uma alusão a peça *Hamlet*, de Shakespeare. No texto que reflete essa imagem, há uma provocação sobre ser homossexual ou estar homossexual em determinados momentos da vida. Essa provocação está baseada na possibilidade de uma pessoa homossexual assumir publicamente ou não sua homossexualidade, assim como abre brechas para pensarmos em relações bissexuais, não abordadas na época.

Ao pensarmos na instabilidade identitária que nos provoca a charge, pensamos como Clarke (1990). Para a autora, a (lesbo)homofobia é a grande culpada para que mulheres que se relacionem com outras mulheres passem a se “esconder no armário” para usufruir dos privilégios heterossexuais quando estão em espaços majoritariamente heterossexuais<sup>8</sup>. No entanto, como afirma a autora, apesar de “se esconderem”, não evitam seus sentimentos e desejos. Ao continuar nossas observações sobre o ChanaComChana, observamos que essa tática emergia também entre aquelas que viviam abertamente sua lesbianidade. Por questões de segurança e por assumirem posições antagônicas, elas acabavam se escondendo quando transitavam em territórios heterossexuais.

Embora a homossexualidade seja uma criação histórica e cultural (assim como também é o “ser mulher, criança, velho, louco, adolescente, heterossexual, etc..”), a repressão que sobre ela é exercida produz divisões sociais muito concretas e, em termos de vida diária, nós, “homossexuais e heterossexuais”, estamos realmente colocados em lados opostos (CHANACOMCHANA, 1984, p. 5).



**Figura 06:** Enrustimento.  
Fonte: ChanaComChana, ed. 07, 1985.

<sup>8</sup> É importante fazermos uma ressalva: nem todas as mulheres lésbicas conseguem ocultar, ainda que estrategicamente, em seus corpos, as características socialmente alinhadas às masculinidades. Nesse sentido, concordamos com Halberstam (2008), ao pontuar que nem toda lésbica vive em contexto de invisibilidade, produzido pela lesbofobia, e muito menos goza do privilégio de se apresentar como heterossexual, mas, sim, experimenta o que podemos chamar de hipervisibilidade.

Na imagem que estampa a capa da edição número sete do ChanaComChana, vemos uma mulher em seu local de trabalho ainda sofrendo com a instabilidade vivida em torno da projeção de sua visibilidade lésbica. À esquerda, um anjo busca aconselhá-la a se assumir. O boletim recorre à representação cristã, significada no imaginário social com a expressão do bem e do indiscutível para vender a ideia do quanto se assumir seria benéfico. À direita, em oposição ao bem, a figura do diabo contrasta com a liberdade, aconselhando-a permanecer enrustida. As linhas e traços que compõem os elementos visuais do rosto da mulher denunciam sua expressão de dúvida. Como agir no trabalho? Até que ponto é válido “sair do armário” e enfrentar a sociedade? Novamente conseguimos perceber que o medo da discriminação, da violência e da solidão se faz presente nas páginas do ChanaComChana. Contudo, o Boletim não se exime de apontar qual seria a melhor alternativa. Essa charge serve como base para a grande parte da sétima edição do ChanaComChana que abordou sobre diferentes formas de enrustimento, termo usado no Boletim, para a visibilidade lésbica. Ao abordar o tema, o GALF enfatizava como essa situação era prejudicial para a saúde mental das lésbicas, pois produzia isolamento. Essa situação pode ser observada na seguinte passagem do ChanaComChana:

Só é possível superar ou amenizar o sofrimento que as pressões sociais causam a nós, lésbicas, através da solidariedade e da amizade entre nós. Se nos enrustimos exageradamente, por medo da sociedade, nunca deixaremos de ter medo. Isso porque nos afastaremos das outras lésbicas, tornando-nos mais frágeis, sem condições de lutar contra o inegável e cruel preconceito que sobre nós recai há séculos. (CHANACOMCHANA, 1985, p. 2)

Ao pensarmos no existir lésbico como um dos fios de condução reflexivos proporcionados pelo ChanaComChana, lembramo-nos de Audre Lorde (2012) quando a autora destaca a importância de aprendermos a trabalhar e falar apesar do medo. Em suas palavras: “fomos educadas para respeitar mais ao medo do que a nossa necessidade de linguagem e definição, mas se esperamos em silêncio que chegue coragem, o peso do silêncio vai nos afogar” (LORDE, 2012, p. 25). Nesse sentido, podemos perceber, com a citação acima, que, nas publicações do ChanaComChana, havia um incentivo para que as lésbicas perdessem o medo que as mantinha enrustidas. Para além de imagens, textos e reportagens, o ChanaComChana buscava demonstrar a importância da amizade e das alianças entre as mulheres, sejam elas lésbicas ou não.



**Figura 07:** A família: manutenção da dominação da mulher!  
Fonte: Boletim ChanaComChana, ed. 7, 1985.

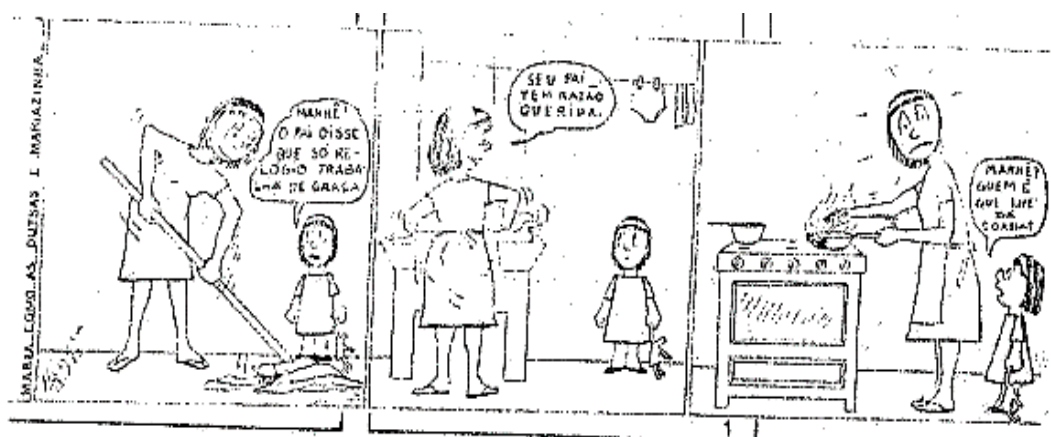
Na sétima edição do boletim ChanaComChana, ao abordarem o tema enrustimento, o GALF trouxe para o boletim uma interessante reflexão acerca das famílias, em especial, a família reconhecida nos marcos da tradicionalidade brasileira. Dessa forma, baseando-se no fato de que a instituição familiar, em sua maioria, era marcada pela heterossexualidade patriarcal, esse quadro reforçava a dominação das mulheres, tornando-se também um dos principais motivos pelo enrustimento de lésbicas e gays. Acompanhando a imagem acima, foram produzidos textos e entrevistas com mulheres que participavam do GALF a fim de demonstrar como eram diversas as relações familiares. Entretanto, independente de seu arranjo, a opressão sofrida pelas mulheres era compartilhada. Outra semelhança encontrada nas entrevistas era a invisibilidade da lesbianidade dentro do ambiente familiar, mesmo que estas atuassem abertamente na militância lésbica. Para além da imagem que denuncia o papel da família na manutenção da opressão da mulher, o ChanaComChana trouxe, para suas leitoras, um breve relato histórico sobre a formação e origem da palavra e instituição familiar, chegando à conclusão de que:

A definição do termo família, em latim, revela que esta instituição é produto do sistema patriarcal, criada por este sistema a fim de perpetuar o poder do homem: "um sistema patriarcal não é apenas uma dominação é também um sistema que utiliza de forma clara ou sutil, todos os mecanismos institucionais e ideológicos ao seu alcance" (CHANACOMCHANA, 1985, p. 4).

No decorrer do texto, afirma-se que "a família na sua forma histórica nuclear e monogâmica, constituída basicamente pelo pai, filhos e mãe, não é universal e imutável" (idem). Isso nos leva a crer que as pedagogias discursivas produzidas pelo ChanaComChana sobre a família não intencionavam a destituição da instituição família, apesar de denunciarem as opressões ligadas a ela. Tais pedagogias buscavam ressignificar o que era entendido por família, pulverizando seus significados e demarcando seu caráter inconclusivo. Assim, demonstravam que existiam outras

possibilidades de formação familiar, inclusive sem a presença de um patriarca, como aquelas produzidas a partir da vivência afetivo-sexual entre lésbicas.

O debate em torno da vivência afetivo-sexual entre lésbicas recai sobre o tema sensível da época, a impossibilidade de afeto entre duas mulheres. No imaginário hegemônico, também presente entre as lésbicas, alguém assumiria o papel de homem por performatizar a figura de ativo ou masculinizada. Ao trazer a possibilidade de vivência entre duas mulheres performativamente femininas, o Boletim incidia sobre a representação hegemônica que as instituía na dicotomia dos sexos. A pauta familiar não foi inaugurada em 1985, o ChanaComChana abordou a questão ao longo de suas publicações. Logo na segunda edição, podemos encontrar a seguinte tirinha que pauta a naturalização do trabalho doméstico para as mulheres:



**Figura 08:** Trabalho Doméstico.  
Fonte: ChanaComChana, ed. 2, 1981.

Na tirinha acima, uma garotinha comenta com sua mãe: “manhê, o pai disse que só relógio trabalha de graça”, sua mãe logo responde: “seu pai tem razão, querida”, a menina sem entender, então, pergunta: “manhê, quem é que lhe dá corda?!”. Com esse questionamento, podemos refletir sobre as provocações produzidas pelo Boletim sobre a naturalização atribuída à mulher no trabalho doméstico.

A dicotomia entre o público e o privado presente em inúmeras provocações do Boletim estava associada à crítica feminista ao conceito de trabalho remunerado e não remunerado que incidia na configuração da divisão sexual do trabalho. Na tirinha, as atribuições socialmente definidas para homens e mulheres, no fim das contas, permaneciam presentes na naturalização de que o trabalho remunerado cabia ao homem. O Boletim buscava desnaturalizar os afazeres domésticos como trabalho não produtivo e, com isso, romper o silêncio que tornou invisível, por muito tempo, as relações assimétricas e complementares determinadas pelo jogo de poder patriarcal que

orientava a relação heterossexual. Como as ações domésticas eram orientadas nos vínculos de casamento heterossexual e na reciprocidade parental, a relação de subalternidade e de opressão ficava escondida na cumplicidade da família, que condicionava à mulher o amor e cuidado e ao homem o provimento financeiro da família. Essas relações sociais assimétricas entre os sexos, fortemente presentes nas críticas do ChanaComChama, podiam ser consideradas, ao lado da pauta do se assumir como fatores principais de suas atuações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apresentamos, neste trabalho, a potencialidade da imprensa lésbica enquanto um artefato cultural repleto de pedagogias que auxiliaram as leitoras do Boletim a compreender novos e ressignificar antigos conceitos. Através do ChanaComChana, foi possível que o Grupo de Ação Lésbica Feminista pudesse abordar de forma leve, e até mesmo humorística, temas tão delicados como a discriminação, a violência, a ditadura civil-militar, as desigualdades de gênero e a importância do assumir-se.

No Brasil, a organização das lésbicas iniciou há aproximadamente 40 anos na cidade de São Paulo. Em 1979, quando as mulheres passaram a integrar o grupo Somos — a primeira organização homossexual do país, criada um ano antes — em maio daquele mesmo ano, elas fundaram o Grupo Lésbico-Feminista (LF). Alguns anos depois, em outubro de 1981, remanescentes desse grupo criaram o Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF). Desde então, a visibilidade e organização lésbica ainda se esbarra com o domínio masculino, contudo, sabem se posicionar frente ao masculinismo do movimento, reivindicando suas especificidades enquanto mulheres lésbicas. Como nos foi retratado, a exemplo do Chanacomchana, as lésbicas criam novos mecanismos de se fortalecer e de auxiliar umas às outras.

Ao trazer os cartoons, charges e tirinhas obtidas no boletim ChanaComChana, buscamos elucidar as pedagogias culturais presentes no artefato, repensando as posições políticas assumidas pelas lésbicas. Nesse sentido, mesmo nos limitando a pensar os discursos emitidos, compreendemos a grande importância que o ChanaComChana teve para suas leitoras construírem suas identidades e posicionamentos políticos sobre e com o mundo. Assim, por meio desse artefato cultural, as lésbicas puderam se ver representadas em um espaço de conhecimento e acolhimento, criando também redes de contatos e afetos entre as leitoras.

## Referências

AMARAL, M. Natureza e representação na pedagogia da publicidade. In: COSTA, Marisa. V. **Estudos Culturais em educação: mídia, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2004.

AGUIAR, C. M. de. **Entre armários e caixas postais: escritas de si, correspondências e constituição de redes na imprensa lésbica brasileira**. 198 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

BACCI, I. K. **Vozes lésbicas no Brasil: a busca e os sentidos da cidadania LGBT**. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

BALISCEI, J. P.; TERUYA, T. K. (Res)significando imagens: práticas de leituras e releituras no ensino da arte. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 4, n. 6, jan./jun. 2015

BARBOSA, A. M. **A imagem no Ensino de Arte**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BARBOSA, P. É. S. **Trajetória da Imprensa Lésbica Brasileira (1981-1995): uma história possível para (re) - pensar o jornalismo**. 308 f. Dissertação (Mestrado) – Ponta Grossa, 2019.

BARBOSA, R. M.; FACCHINI, R. **Dossiê saúde das mulheres lésbicas: promoção da equidade e da integralidade**. Belo Horizonte: Rede Feminista de Saúde, 2006.

CAETANO, M.; RODRIGUES, A.; SILVA, C. N. A mobilização social e resposta comunitária LGBT à AIDS – itinerários reflexivos. **#Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 8, n. 1, 2019.

\_\_\_\_\_. **Performatividades Reguladas** – heteronormatividade, narrativas biográficas e educação. Curitiba: Appris, 2016.

\_\_\_\_\_. **Quando Ousamos Existir: Itinerários Fotobiográficos do Movimento LGBTI Brasileiro (1978 – 2018)**. 1. ed. Tubarão: Copiart; Rio Grande, RS: FURG, 2018.

CASTRO, L. (Org.). **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: Nau, 1999.

CAPELATO, M. H. R. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

CARDOSO, E. da P. **Imprensa feminista brasileira pós-1974**. 2004. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004.

CLARKE, C. **Lesbianism: An Act of Resistance**. The Columbia Reader on Lesbians and Gay Men in Media, Society, a Society, and Politics. Columbia University Press, 1990.

CORRÊA, M. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. **Cadernos Pagu**, n. 16, p. 13-30, 2001.

COSTA, M. C. V.; SILVEIRA, R. M. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Belo Horizonte, n. 23, p. 36-61, maio/ago. 2003.

CORAZZA, S. **História da infantilidade: a-vida-a-morte e mais-valia de uma infância sem fim**. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1998.

ELLSWORTH, E. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tadeu. T. da. (Org.). **Nunca fomos humanos** – nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.



- FERNANDES, M. O grupo ação lésbica feminista – GALF e os encontros brasileiros de homossexuais – EBHO. In: CAETANO, Marcio [et al.] (Org.). **Quando Ousamos Existir: Itinerários Fotobiográficos do Movimento LGBTI Brasileiro (1978 – 2018)**. 1. ed. – Tubarão: Copiart; Rio Grande, RS: FURG, 2018.
- FISCHER, R. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, novembro de 2001.
- GREEN, J. N.; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (Orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.
- LAMPIAO DA ESQUINA, 1979, ed. 12.
- GOHN, M. da G. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 2008.
- HALBERSTAM, J. **Masculinidad femenina**. Tradução de Javier Sáez. Barcelona/Madrid: Ed. Egales, 2008.
- LESSA, P. **Lesbianas em movimento: a criação de subjetividades (Brasil, 1970-2006)**. 261 f. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História), Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- LORDE, A. Não há hierarquias de opressão. LORDE, AG Textos Escolhidos de Audre Lorde. **Heretica Difusao Lesbofeminista Independente**, p. 5-6, 2012.
- MARZOLA, N. Os sentidos da alfabetização na revista Nova Escola. In: COSTA, M. V.; VEIGA-NETO, A. (Org.). **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: EdUFRGS, 2004.
- MARTINHO, M. **Memória Lesbiana: há 40 anos surgia o Grupo Lésbico Feminista, o primeiro coletivo de ativistas lésbicas do Brasil**. São Paulo, 2019.
- MEDEIROS, M.; CASTRO, T. O que é cultura visual? **RCL - Revista de Comunicação e Linguagens**, n. 47, p. 1-7, 2017.
- MORAZA, J. L. Estúdios visuales y sociedad del conocimiento. In: Congreso Internacional de Estudios Visuales, 1 fev. 2004, Madrid. **Trabalhos iniciais**. Disponível em: <http://www.estudiosvisuales.net>. Acesso em: mar 2020.
- MONTEIRO, R. H. Cultura visual: definições, escopo, debates. **Domínios da Imagem**, Londrina, ano I, p. 129-134, maio/2008.
- OLIVEIRA, J. G. da S. Iconografias sarcásticas na imprensa feminista brasileira: mulherio e ChanaComChana (1981-1985). **Domínios da Imagem**, Londrina, v. 11, n. 21, p. 67-92, jul./dez. 2017.
- QUINALHA, R. H. **Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- ROCHA, S. et al. Os estudos culturais e os entrelaçamentos entre comunicação e cultura: uma análise do filme *Cão sem dono*. **Interin**, v. 9, n. 1, p. 1-15, 2010.
- SALES, G. C. **Lésbicas no debate da redemocratização: uma análise do boletim ChanaComChana**. Monografia, 2019.
- ROCHA, C. Espaço escolar em revista. In: COSTA, M.; VEIGA-NETO, A. (Org.). **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: EdUFRGS, 2004.
- SOARES, R. Pedagogias culturais produzindo identidades. **Educação para a igualdade de gênero**, 2008.

WOITOWICZ, K. J. A resistência das mulheres na ditadura militar brasileira: Imprensa feminista e práticas de ativismo. **Revista de Estudos em Jornalismo e Mídia** – Santa Catarina, Vol. 11, n. 1, p. 104-117, jan./jun. 2014.

WORTMANN, M. L.; COSTA, M. V.; SILVEIRA, Rosa H. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Educação**, v. 38, n. 1, 2015.

---

<sup>i</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Possui graduação em História pela Universidade Federal do Pampa (2018). Durante sua graduação participou enquanto bolsista do Programa de Extensão Experiências de Leitura, a formação do leitor (2017); bolsista do projeto História das mulheres e feminismo: um novo olhar sobre antigas perspectivas de gênero (2016); bolsista voluntária do projeto AFRONteiras Negras UNIPAMPA (2017-2018) e colaboradora no acervo do Clube Social Negro 24 de Agosto (2017-2018). Atualmente é membro do Nós do Sul: Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Currículos, Identidades e Culturas (FURG), participando enquanto pesquisadora do Centro de Memória LGBTI João Antônio Mascarenhas. Principais áreas de interesse: Educação; Gênero; Sexualidades e Movimentos Sociais.

<sup>ii</sup> Pós-doutor, com apoio do PNPd/CAPES, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) sob supervisão da Profa. Dra. Conceição Soares, coordenador do Centro de Memória LGBTI João Antônio Mascarenhas (UFPEL/UFES). Graduado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com mestrado e doutorado em educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), orienta investigações desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Educação. Os seus temas de interesse são: 1. currículos e culturas; 2. masculinidade(s) e 3. população lésbica, gay, bissexual, travesti e transexual e 4. estudos decoloniais e subalternos.

<sup>iii</sup> Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás com atuação no curso de Pedagogia. Possui graduação em Pedagogia (2009) com habilitação em educação infantil e gestão educacional pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista-UNESP, mestrado em Educação (2014) com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo-FAPESP no programa de Pós-Graduação em Educação da FCT/UNESP. Doutora em Educação (2019), pelo mesmo programa e universidade. Realizou estágio no exterior (2017- 2018) na UACM-Universidad Autónoma de la Ciudad de México no Posgrado en Derechos Humanos, financiado pelo Programa Doutorado-Sandúiche no Exterior da CAPES. Desde o início de sua trajetória acadêmica é integrante do grupo de pesquisa NUDISE-Núcleo de Diversidade Sexual na Educação, e se interessa por temas relativos as vivências educativas de gênero e sexualidade nos tempos da infância, juventude e vida adulta no contexto das instituições educacionais.

<sup>iv</sup> Doutor em Educação pela UFRJ (2014), mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - FEBF/UERJ (2008). Possui graduação em Desenho e Plástica pela Escola de Artes Plástica da FUMA (1989). Atua principalmente nos seguintes temas: currículo, cotidiano escola, educação fundamental, orientação sexual, sexualidades, masculinidades, artes e dança.

Como citar esse artigo:

MARTINS, Larissa Pinto; CAETANO, Marcio; BRAGA, Keith Daiani da Silva; JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva. Chanacomchana bambém é bacana! Imprensa lésbica e suas pedagogias culturais. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 13, n. 2, p. 50-75, mai./ago. 2020.